

# Faltam os milicianos

22.2.87

Dojo

«Nenhum polícia deve espancar ou chicotear o cidadão». Isto foi ditó pelo Ministro do Interior, num encontro sexta-feira com responsáveis da PPM.

Tratou-se, efectivamente de uma reunião que se impunha pois há já muito tempo que pessoas de todas as camadas sociais se vinham queixando da actuação incorrecta e ilegal de certos agentes da polícia.

Com efeito, estava-se já a tornar normal ver um cidadão a ser «chamboqueado» pela polícia em plena via pública, muitas vezes apenas porque não trazia consigo o Bilhete de Identidade ou não parou quando o agente da autoridade, do outro lado do passeio, gritou «Hei, você é aí».

De dia e de noite, principalmente nos controlos, as pessoas sabiam já que tinham que se comportar como cordeirinhos, evitar dirigir a palavra ao polícia porque corriam o risco de «apanhar chumbo» só porque pediram um esclarecimento ao agente.

O Ministro do Interior caracterizou justamente estas atitudes como próprias do inimigo infiltrado no seio da polícia. E só pode ser isso, pois, na verdade, se temos uma polícia que, por definição, deve ser amada pelo povo e temida pelo inimigo, o que se estava a passar era que o povo a temia e, por conseguinte, o inimigo a amava.

As boas maneiras do polícia ao lidar com o cidadão foi outra das recomendações do Ministro do Interior. Uma recomendação necessária, porque se assistia a cenas de agentes da polícia que se dirigiam às pessoas na língua que entendessem, com os botões da ca-

misa desabertados, com o cigarro no canto da boca, com o «cassete» e a pistola irregularmente dependurados na cintura, as botas ou sapatos sujos, etc., etc.

A mania de gritar de um passeio para interpelar um cidadão que passa pelo passeio oposto, estando o polícia comodamente sentado sobre um muro, é outra das críticas que se faziam aos agentes da autoridade.

Nos controlos, para identificação das pessoas, existia a mania de mandar descer todos os passageiros dos autocarros que estivessem de pé, mesmo que estes fossem apenas meia dúzia. Uma forma apenas de mostrar «quem manda» e mais nada, pois se se entende que desçam os passageiros que estão de pé quando o autocarro está cheio—pois assim é facilitada a movimentação dos agentes dentro do autocarro — já o mesmo não se justifica quando o polícia tem muito espaço para se movimentar dentro do veículo.

Portanto, a reunião de sexta-feira e, fundamentalmente, as orientações, nela traçadas, foram recebidas com agrado pelo cidadão que quer ver no polícia um seu protector e não um agressor.

Acções idênticas deverão ser desencadeadas no seio das milícias. Estes, tal como faziam alguns infiltrados na polícia, continuam a cometer ilegalidades e muitas vezes impunemente. Também eles aplicam o chumbo, sem que tenha sido por ordem do tribunal. Continuam a apreender ilegalmente bens da população.

Falta, portanto, «atacar» os milicianos.

Salvador Machenganhane